
**ECOS DE MADAME BOVARY EM MAIN STREET
DE SINCLAIR LEWIS : UM REGISTO EM NÓTULA**

ANA MARIA MARQUES DA COSTA *

* Equiparada a professora adjunta, docente da Área Científica de Inglês.

A obra *Main Street* de Sinclair Lewis tem como protagonista uma jovem bibliotecária, Carol, cujo maior sonho é converter a vila de Gopher Prairie aos seus ideais de progresso estético : " (...)I'll get my hands on one of these prairie towns and make it beautiful " 1.Com o desenrolar da acção, a tendência para subordinar a realidade à mundividência do seu imaginário vai revelar-se uma das principais constantes do espaço psicológico da heroína.

Esta característica de Carol muito nos faz recordar a obra *Madame Bovary* de Flaubert, atendendo às grandes semelhanças que existem entre as duas protagonistas, sobretudo no que diz respeito à forma de robustecimento da sua interioridade.

Estamos conscientes de que só um moroso e aturado exercício de cotejo permitiria determinar em que medida *Madame Bovary* se inscreve no espaço intertextual subjacente a *Main Street* . Não é esse o nosso objectivo. Pela nossa parte, limitar-nos-emos a averiguar (de forma muito breve, até porque se trata de uma nótula), alguns pontos de convergência entre as duas obras, assim como evidentes analogias em termos do comportamento ou dos móveis das duas heroínas.

Martin Light, no seu artigo intitulado " The Quixotic Motifs of Main Street"² assegura-nos que Carol se assemelha a Emma Bovary pelo facto de ambas constituírem arquétipos fiéis do "herói quixotesco". O próprio Lewis se rendia frequentemente a esta tendência para lutar contra moinhos de vento, como ele próprio admite, quando se auto-qualifica de "[a] romantic medievalist of the most incurable sort"³ .

O problema do herói quixotesco é , segundo Light, um problema de visão, ou, melhor dizendo, um problema de obscurecimento da visão. O "quixote" transforma aquilo que vê naquilo que a sua imaginação, condicionada por amplas leituras sentimentais, lhe permite que veja.

Quer Carol quer Emma são vítimas deste síndrome. Emma, depois do seu casamento com Charles Bovary, instala-se em Tostes, onde se torna prisioneira de um tédio, do qual só uma festa no Castelo de La Vaubyessard a vem resgatar. Durante aquela noite, Emma deixa-se transportar para um mundo encantado, deslumbrada pelos cristais e pelas luzes, pelas conversas distintas e pelas intrigas surpreendidas no turbilhão do baile⁴.

Também Carol, depois de uma noite em Gopher Prairie, se dirige à janela com "a purely literary thought" ⁵ que a impede de ver Gopher Prairie tal como é, e acicata os seus impulsos reformistas, concretizados num incontornável desejo de transformar Gopher Prairie num espaço esteticamente magnífico. Esta preocupação da heroína está bem patenteada - através da sua própria focalização - no seguinte passo : " I'm going for a walk. I'll see the town by myself. My first view of the empire I'm going to conquer."⁶

Existem evidentemente outros momentos em que se detecta uma simetria entre os estados de devaneio lírico e romântico de Emma Bovary e de Carol Kennicott.

À guisa de exemplo, lembremos, na obra de Flaubert, o episódio da ópera em Rouen, onde os sonhos de Emma atingem o seu auge à vista de um famoso cantor no palco:

"(...)atraída para o homem pela ilusão da personagem, ela tentou imaginar a sua vida, essa vida retumbante, extraordinária, esplêndida, e que poderia ter sido a sua se a sorte o tivesse querido. Eles ter - se - iam conhecido, ter - se - iam amado! Com ele, por todos os reinos da Europa, ela teria viajado de capital em capital, partilhando - lhe as fadigas e os triunfos, colhendo as flores que lhe arremessavam, bordando- lhe ela própria os seus fatos de cena; depois, todas as noites, no fundo de um camarote, atrás da grade com a sua rede de ouro, teria recolhido, boquiaberta, as expansões dessa alma que cantaria só para ela; da cena, enquanto representava, ele olharia para ela. Mas uma alucinação apoderou - se de Emma; o cantor estava realmente com os olhos postos nela .Sentiu ânsias de correr para os seus braços e refugiar - se na sua força, como na própria encarnação do amor, e de lhe dizer, de lhe gritar: «Arrebata - me, leva - me, partamos! Para ti, para ti todos os meus ardores e todos os meus sonhos » "⁷

Carol é invadida por um sentimento idêntico quando vai com Will ao teatro em Minneapolis e, identificando - se com a actriz de uma das peças que estava a ser representada, se deixa transportar para o reino da fantasia:

"Marie Brun was slim as Carol, and larger - eyed, and her voice was a morning bell. In her, Carol lived, and on her lifting voice was transported from this sleepy small town husband and all the rows of polite parents to the stilly loft of a thatched cottage where in a green dimness, beside a window caressed by linden branches , she bent over a chronicle of twilight women and the ancient gods:" 8

Finalmente, podemos mesmo detectar uma certa semelhança entre as deambulações constantes de Emma (entre Yonville e Rouen) na terceira parte do romance, e a partida de Carol para Washington. É que, tanto no caso de Emma, como no caso de Carol, as viagens representam uma tentativa de alheamento a uma vida monótona, em prol de uma existência mais grandiosa.

Em síntese, tanto Carol como Emma haviam, durante a sua infância e adolescência, assimilado as lições de escritores românticos (e realistas também, no caso de Carol), que lhes haviam entreaberto a porta para um mundo mais idílico.

No caso de Emma, foram as suas leituras de convento que a fizeram idealizar "todos esses quadros do mundo, que desfilavam diante dela uns atrás dos outros, no silêncio do dormitório quebrado às vezes pelo ruído distante de uma tipóia retardada que rolava ainda nas avenidas." 9

Quanto a Carol, sabemos que foi o próprio pai que acordou nela a propensão para a fantasia. De facto, o juiz Milford , que Carol recorda, numa analepse, como tendo sido "the tenderest man in the world "10 fora, ele próprio, um idealista e um sonhador, que inventara "Christmas fantasies [from] the sacred old rag doll at the top of the tree"11

Importa sublinhar que Sinclair Lewis nega ter sido influenciado por Flaubert, não obstante as evidentes analogias entre os móveis das duas heroínas.

Quanto a nós - embora reconheçamos que nem mesmo o leitor mais incipiente e desatento poderá deixar no olvido as evidentes semelhanças entre as duas obras - , não nos atrevemos a afirmar que Main Street constitui uma réplica perfeita de Madame Bovary, uma vez que a realidade europeia é alheia aos vectores e coordenadas que determinaram a configuração da história e realidade americanas.

Nesta perspectiva, embora admitindo que Lewis tenha assimilado as lições dos realistas europeus, não podemos deixar de constatar que, ao exprimir a ânsia de liberdade de Carol, Main Street não deixa de nos trazer à memória nomes como o de Henry David Thoreau e Ralph Waldo Emerson, fiéis representantes do transcendentalismo americano.

Em face do exposto, e à guisa de fecho da presente nótula, somos forçados a admitir que Daniel Aaron não deixa de ter alguma razão quando afirma: "In one of her frank moments, she [Carol] says that she is a crank not because she is trying to «reform» the town but in order to save her own soul (...) the Carol who speaks in this vein is the daughter of Emerson and Thoreau, and not the American sister of Emma Bovary." 12

BIBLIOGRAFIA

AARON , Daniel, "Sinclair Lewis. Main Street" in Wallace Stegner (ed.) The American Novel. From James Fenimore Cooper to William Faulkner, New York, London, Basic Books, Inc., 1965.

CERVANTES, Miguel, D. Quixote de la Mancha, (tradução de Maria Ponce) Lisboa, Editora Veja, s/d.

FLAUBERT, Gustave, Madame Bovary, Barcelos - Liv. Civilização Editora - Clássicos Franceses, 1975.

LEWIS, Sinclair, Main Street, s.l. Harcourt, Brace & World, Inc., 1920.

LIGHT, Martin, "The Quixotic Motifs of Main Street " in Martin Bucco (ed). Critical Essays on Sinclair Lewis, Boston, Massachusetts , G.K. Hall & Co., 1986.

LINGEMAN, Richard, Small Town America. A Narrative History 1620 - the Present, New York, G.P. Putman's Sons, 1980.

SHERMAN, Stuart P., The Significance of Sinclair Lewis, New York, Harcourt, Brace and Company, 1922.

VAN DOREN, Carl "The Revolt from the Village" in Contemporary American Novelists:1900 - 1920, New York, Macmillan,1923.

1 Lewis, Sinclair, Main Street, s.l., Harcourt, Brace & World, Inc., 1920, p.5.

2 Light, Martin "The Quixotic Motifs of Main Street " in Martin Bucco, (ed .) Critical Essays on Sinclair Lewis, Boston, Massachusetts, G.K. Hall & Co.,1986, pp. 174-183.

3 Cf. Light, Martin, ibidem, p.174.

4 Flaubert, Gustave, *Madame Bovary*, Barcelos - Liv. Civilização Editora - Clássicos Franceses, 1975, p.62 e ss.

5 Lewis, Sinclair, op. cit., p. 32.

6 Idem, *ibidem*.

7 Flaubert, Gustave, op. cit., p.247.

8 Lewis, Sinclair, op. cit., p.215

9 Flaubert, Gustave, op. cit., p.52

10 Lewis, Sinclair, op. cit., p.173.

11 Idem, *ibidem*, p. 195.

12 Aaron, Daniel, "Sinclair Lewis.Main Street" in Wallace Stegner (ed). *The American Novel.From James Fenimore Cooper to William Faulkner*, New York, London, Basic Books, Inc., 1965, p.173.